



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE NIETZSCHE PARA A FILOSOFIA DOS VALORES

BARBARA SMOLNIAKOF¹

Resumo: Este artigo pretende apresentar algumas possíveis contribuições da filosofia de Nietzsche para o surgimento e consolidação da Filosofia dos Valores ou Axiologia. Defendemos que o que Nietzsche escreveu sobre o valor elevou este conceito a um patamar fundamental para o que veio a ser conhecido como axiologia no início do século XX. Para tanto, primeiro apontamos em que momento o conceito de valor passou a ser considerado um objeto da Filosofia. Em seguida, detivemo-nos ao pensamento nietzschiano localizando em que momento de seus escritos o tema dos valores passou a ser mais significativo.

Palavras-chave: Axiologia. Nietzsche. Contribuições. Transvaloração.

SOME NIETZSCHE'S CONTRIBUTIONS TO THE PHILOSOPHY OF VALUES

Abstract: This article aims to present some possible contributions of Nietzsche's philosophy to the emergence and consolidation of the Philosophy of Values or Axiology. We argue that what Nietzsche wrote about the value raised this concept

1 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

to a fundamental level for what came to be known as axiology in the early of 20th century. For this, first we point out at when the concept of value came to be considered an object of Philosophy. Then, we stopped at the Nietzschean thought, locating when in his writings the theme of values became more significant.

Keywords: Axiology. Nietzsche. Contributions. Transvaluation.

INTRODUÇÃO

Este breve artigo pretende apontar algumas possíveis contribuições da filosofia nietzschiana tardia para o surgimento da Filosofia dos Valores, a disciplina filosófica que se detém ao conceito de valor, sua natureza e fundamentos. Com isso, espera-se mostrar a relevância de Nietzsche para o início de uma problematização que caracteriza uma das mais marcantes correntes filosóficas contemporâneas. Para tanto, é necessário, primeiro, deter-se ao conceito de valor e apontar a partir de que momento o uso desse termo passou a ter um estatuto técnico-filosófico, isto é, quando ele passou a ser importante para a Filosofia. E, segundo, apontar de que modo os escritos nietzschianos se encaixam na consagração da Filosofia dos Valores como disciplina filosófica.

Cabe notar também que dada a dimensão do tema do valor, tanto na própria filosofia de Nietzsche quanto na Filosofia em geral, não temos ainda condições para abordá-lo por completo. Nesse sentido, este artigo tem um caráter mais introdutório, pois se deterá à contextualização geral do conceito de valor e da introdução de Nietzsche nesse campo tentando esboçar algumas heranças que ele deixou para a formação da Axiologia. Portanto, não nos deteremos aqui a questões mais específicas, como é o caso tão estimado da moral em Nietzsche, por exemplo. Começamos então pelo panorama que localiza o conceito de valor na Filosofia e constata em que momento ele é tematizado por ela.

BREVE TRAJETÓRIA DO VALOR NA FILOSOFIA

O valor passou a ser objeto de um campo específico da Filosofia a partir do início do século XX com o surgimento da axiologia ou teoria dos valores, mas a ocorrência do termo “valor” não é exclusiva desse período. Já a partir da Antiguidade seu sentido geral indicava uma utilidade ou preço de bens materiais e a dignidade do homem². Contudo, tal uso não parece ter um estatuto técnico-filosófico nessa época, uma vez que o valor não foi tematizado nem recebeu tanta importância quanto a ideia de bem ou virtude, por exemplo. Em seu livro *Filosofia dos Valores* (1980) Johannes Hessen chama atenção para o fato de que é possível

² Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 989-993.

afirmar que Sócrates, Platão e Aristóteles também pensaram o valor. No entanto, este conceito era reduzido ao conceito de “bem”, fosse como valor ético e estético na teoria das ideias platônica, fosse como valor ético de caráter objetivo defendido por Sócrates³. Nesse sentido, mesmo que seja possível afirmarmos que o “bem” desempenhava uma função de valor nesse período, tal conceito não era posto em questão enquanto tal, isto é, enquanto valor: não se perguntava pela origem do bem ou pelas propriedades que faziam com que o bem fosse de fato bem, tampouco se identificava o conceito “bem” ao que entendemos hoje como “valor”. Além disso, enquanto ideia, o “bem” tinha um caráter transcendente, essa caracterização era o que o tornava bem em qualquer circunstância, independentemente do mundo humano.

Como um conceito propriamente filosófico, o valor, cuja definição mais básica é aquilo que importa⁴, surge a partir da Modernidade. Nesse período, o valioso ou aquilo que tem valor era o objeto de escolha ou preferência para o homem. Nesse sentido, o valor nesse período parece estar intimamente relacionado às escolhas sendo o próprio critério ou fio condutor da escolha e consequentemente da ação. Cabe notar que na medida em que o valor está aliado às escolhas e ações humanas, ele passa a desempenhar uma função relacional: algo tem valor não em si mesmo ou independentemente da ação humana, mas tem valor para o homem, ou na medida em que o homem atribui importância a algo que considera valioso.

Alguns filósofos desse período pensaram sobre o valor. É o caso, por exemplo, de Hobbes, que parece ter resgatado a definição antiga de “valor” usando-o como o preço, tanto das coisas quanto do homem. Assim, para Hobbes, o valor era quanto seria dado pelo uso do poder do homem em determinada atividade⁵. Já Kant identificou valor a bem e o restringiu à esfera ética considerando valor aquilo que agrada ou é aprovado pela consciência moral⁶. Outro expoente moderno é Marx, que restringiu a noção de valor à economia política e introduziu no campo dos valores os termos “valor de troca”, “valor de uso” e “mais-valia”⁷. Contudo, apesar de já pensado na modernidade, o valor parecia nesse momento sempre ser ou *valor de* alguma coisa ou confundido com um tipo específico de valor, como o caso já mencionado do bem, por exemplo.

3 Cf. HESSEN, 1980, p.24-25.

4 Cf. *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, 1999, p. 948.

5 Cf. HOBBS, T. *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1974, Primeira parte, cap. X, p.58. (Coleção Os Pensadores); cf. também Abbagnano, 2007, p. 989.

6 Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 990; no mesmo sentido ver também HESSEN, 1980, p.26.

7 Cf. MARX, 1996, *Apresentação* (VI Valor e preço – o problema da transformação, p.44-51), *Salário, Preço e Lucro* (VI valor e trabalho; VII força de trabalho, VIII A Produção da mais valia, IX o valor do trabalho, p.90-103). *Livro Primeiro*, seção I, capítulo I, p.165-197.

Foi apenas com o advento da Axiologia que o valor passou a ser pensado independentemente do objeto que era valioso. Podemos dizer assim que é com ela que a pergunta aos moldes socráticos “o que é o valor?”, que abstrai o conceito “valor” de qualquer objeto ou de suas instâncias, é formulada pela primeira vez. Segundo Frondizi, o que demarcou a diferença dos períodos da antiguidade e modernidade para a contemporaneidade em que surgiu a Axiologia como uma disciplina filosófica foi o fato de que todos os valores dos quais os filósofos falaram, sejam eles a verdade, a justiça, a beleza, o bem ou a santidade, eram pensados de maneira isolada. Certamente Platão ou Tomás de Aquino falaram sobre aquilo que entendemos como valores. A diferença é que tais pensadores não trataram os valores como objetos de um estudo amplo nem refletiram a respeito da sua definição: ou o valor era pensado como propriedade das coisas – perguntava-se pelo valor *de* alguma coisa – ou um valor específico nunca foi pensado a partir da classe de valores, em conjunto com outros valores, mas sempre em conjunto com as coisas que *tinham* valor⁸. O que mudou desse período para o período em que surge a Axiologia foi que a natureza do valor em geral, ou seja, o que é propriamente o valor e quais as suas propriedades, e a própria relação entre as espécies de valores, entraram em questão.

Com os neokantianos a noção de valor se estendeu para o belo e o verdadeiro e parece ter se emancipado do domínio da ética. O que os representantes dessa corrente pensaram a respeito do valor foi um dos principais fatores que levou este conceito a ser o objeto de problematização de um campo específico da Filosofia consagrado como Axiologia. Windelband (1848-1915), considerado o fundador da corrente neokantiana da teoria dos valores, em obra de 1914, entende a noção de valor a partir dos conceitos de verdade e juízo. O valor é o conteúdo de um juízo e todos os juízos, sejam eles lógicos, estéticos ou éticos, tratam de um tipo específico de valor: os juízos lógicos são sobre o valor de verdade, os juízos éticos são sobre o valor de bem e os juízos estéticos são sobre o valor de beleza.⁹

Outro representante do neokantismo é Rickert (1863-1936), aluno de Windelband, que identifica valor a validade lógica. Ele distingue a esfera do ser da esfera do dever-ser e atribui o valor a essa última¹⁰. Nesse sentido, para Rickert o valor não faz parte da realidade da esfera do ser, pois ele não existe por si mesmo e em si mesmo tal como as coisas. Ao contrário, o valor é um “ideal transcendental pelo qual a realidade pode ser concebida em seu significado histórico”¹¹, pois ele é

8 Cf. FRONDIZI, 1958, p.7. É interessante que Frondizi chame a atenção para a diferença de abordagem do valor como o que demarca a emergência da axiologia enquanto teoria ampla que se detém ao valor em si mesmo e suas propriedades ao invés de pensar o valor relacionado ou subordinado a outra coisa. Ortega y Gasset também enfatiza que a axiologia como disciplina filosófica surge a partir da pergunta pela definição do conceito de valor. Ver nesse sentido ORTEGA Y GASSET, 1964, p.316-317.

9 Cf. GABRIEL, 2013, p.43-45.

10 Cf. HESSEN, 1980, p.30.

11 WU, 2010, p. 5.

uma condição fundamental para que fatos ou eventos históricos sejam entendidos e julgados como bons, belos ou verdadeiros e, a partir disso, possam ser diferenciados de outros fatos.

Mas é com Lotze (1817-1881) que a Axiologia surge propriamente como uma disciplina dedicada ao valor. Segundo Hessen, é a Lotze que se deve o mérito de introduzir na filosofia contemporânea os conceitos de “valor” e “valer” e propriamente fundar a Filosofia dos Valores¹². Pois foi ele o primeiro a destacar o valor do mundo do ser e lhe atribuir uma dimensão própria: o mundo do valer. Ser e valer/valor se distinguem pelo conteúdo e pelo modo como se os apreende. O ser é apreendido por meio da inteligência, ao passo que o valor é apreendido por um “sentimento” específico¹³ e é dividido em esfera teórica e esfera prática. Os juízos que dizem respeito a valores estéticos e morais correspondem à esfera prática e devem, por isso, ser também distintos dos juízos sobre a verdade ou falsidade, que correspondem a uma esfera teórica¹⁴.

Além de apontar Lotze como o fundador da Axiologia, que influenciou tanto Windelband e Rickert quanto Brentano (1838-1917), Hessen também sugere uma esquematização da Filosofia em três disciplinas fundamentais, sendo uma delas a Filosofia ou Teoria dos Valores. Primeiro, há o que ele chama de *Teoria da ciência*. Ela abrange a lógica e a teoria do conhecimento. Segundo, a *Teoria da realidade*, que se subdivide em metafísica e teoria das concepções de mundo. E finalmente uma *Teoria dos valores*, composta por uma teoria especial e uma teoria geral, que ainda são subdivididas conforme seus objetos.

A teoria especial é aquela que trata de valores específicos e, por isso, abrange a ética, a estética e a religião. E a teoria geral é aquela parte da teoria dos valores que se detém tanto aos fundamentos da teoria especial, quanto do valer e do valor em si mesmos¹⁵. É a esta última, a teoria geral, que Hessen atribui o termo “Filosofia dos valores” ou “Teoria dos valores”. Nesse sentido, embora a ética, a estética e a religião possam até fazer parte de uma reflexão a respeito dos valores, uma vez que nelas há valores específicos, o termo “Filosofia dos Valores” é exclusivo de uma disciplina geral que se detém exclusivamente ao conceito de valor e oferece um olhar amplo para o que ele é, quais suas propriedades e fundamento.

As principais perguntas que podem guiar uma teoria dos valores são as que se detêm à própria natureza do valor e sua relação, aplicação e consequências no mundo humano, tais como: o que é exatamente um valor, qual o meio pelo qual podemos conhecê-lo e se podemos conhecê-lo. Ou ainda, se não o conhecemos, qual a natureza de nossa interação com ele; como adquirimos os valores e de que

12 HESSEN, 1980, p.26.

13 HESSEN, 1980, p.27.

14 Cf. GABRIEL, 2013, p.43.

15 Cf. HESSEN, 1980, Introdução, p.20.

modo eles se relacionam ou se fazem realizar na nossa vida na medida em que os adquirimos. Qual a estrutura que um valor tem e de que modo um valor está relacionado a outro, isto é, o que eles têm em comum para ambos serem designados a partir do mesmo conceito. Qual é mais importante em termos de aplicação ou realização e se eles são objetivos ou subjetivos.

O Valor na Filosofia de Nietzsche

Ora, se é reconhecidamente a Lotze que se atribui o mérito de fundar a axiologia, qual seria o papel de Nietzsche nesse contexto? A Filosofia dos Valores emergiu apenas no início do século XX, mas, como mencionamos, o termo “valor” não é exclusividade desse período, o que lhe é peculiar é o modo de abordar o valor, sem pensá-lo como algo subordinado a outro objeto.

A filosofia de Nietzsche é um pouco anterior à consolidação da Axiologia e mesmo assim apresenta em vários momentos ocorrências da palavra “valor”, mais marcadamente nos escritos que se enquadram no período tardio de seu pensamento, que inicia com *Assim Falou Zarathustra*. Antes até, em *A Gaia Ciência*, considerada obra de transição, já aparece esboçado o que será mais desenvolvido a partir de *Zarathustra*. Não estamos aqui reivindicando a tese de que é encontrada em Nietzsche uma teoria do valor em sentido estrito do termo, pois ele não parece oferecer um olhar amplo a respeito do valor propondo defini-lo ou classificá-lo a partir de suas propriedades. Além disso, como é sabido, Nietzsche foi contra teorias e tentativas de sistematizações do pensamento.

É digno de nota que em seus textos surge a palavra “valor” com carga filosófica muito grande; ele dá muita importância a este conceito e até ensaia algumas tentativas de defini-lo¹⁶ quando, por exemplo, alia-o ao conceito de vida e o pensa como uma criação própria do homem que dá sentido ao mundo, o que parece concretizar o sentido mais básico de “valor” como “aquilo que importa ou que tem significado”. Além disso, seu projeto de transvalorização dos valores não passou despercebido aos olhos de alguns estudiosos da axiologia. Com ele há quem diga que Nietzsche foi o primeiro a notar o ritmo axiológico da história e a esboçar uma teoria dos valores¹⁷.

Em seu ensaio intitulado *A sentença nietzschiana “Deus está morto”* (1950?)¹⁸, por exemplo, Heidegger chega a afirmar que a pergunta pelo valor feita por Nietzsche abriu as portas para a construção da Filosofia dos Valores. Esta afirmação é feita no contexto de sua caracterização de Nietzsche como a figura que esgota a

16 Cf. por exemplo NIETZSCHE FP Novembro de 1882-fevereiro de 1883 [234]; FP verão de 1883 12[9]; FP Primavera de 1884 25[397]; FP outono de 1884 26[119]; FP outono de 1885-outono de 1886 2[190].

17 Cf. PINEDA, 1949, p.558; ORTEGA Y GASSET, 1964, p.316.

18 Cf. HEIDEGGER, M. *A Sentença nietzschiana “Deus está morto”*. Tradução de Marco Antonio Casanova. *Natureza Humana*, v. 5, n. 2: São Paulo, jul. – dez., p.471-526.

Metafísica ao confundir Ser e valor¹⁹. Segundo Heidegger, Nietzsche fazia parte do movimento filosófico que tanto criticou: a Metafísica; e ele fez isso justamente ao inserir no contexto filosófico o conceito de “valor”. Mas entender esta afirmação de Heidegger exige que entendamos o que precisamente Heidegger entendia por “Metafísica”, a saber: o esquecimento do Ser. Diversos pensadores desde a fundação da Metafísica com Platão se esqueceram de pensar o Ser ao pensarem um ente específico e até mesmo os confundiram: Platão e as ideias, Descartes e o *Cogito*, Leibniz e a mônada, Nietzsche e o valor. Todos se propuseram a se deter nos entes mencionados e, como consequência, esqueceram-se de pensar o que lhes deveria ser mais fundamental: o Ser. E devido a esse esquecimento, e até mesmo *velamento* do Ser por tais entes pensados, estes filósofos fizeram o que ficou conhecido como Metafísica. Evidentemente o que Heidegger propõe nesse ensaio e em outros textos em que aborda esse tema é uma resignificação da própria palavra “metafísica”, e com isso, uma interpretação muito peculiar da história da Filosofia como um todo a partir dessa resignificação. Mas o que é importante aqui, e a razão pela qual citamos esse ensaio de Heidegger, é apontar que ele também notou a relevância do pensamento nietzschiano para o surgimento da axiologia.

Outro aspecto da filosofia nietzschiana que a colocou na mira de estudiosos da axiologia, como mencionado, é a sua proposta de transvaloração de todos os valores. A partir de um problema que Nietzsche identifica nos valores tradicionais, a saber, suas raízes metafísicas e judaico-cristãs, ele sugere que tais valores sejam destruídos a fim de que novos valores possam surgir em seu lugar – este movimento duplo de destruição e consequente criação é o que ele chama de transvaloração de todos os valores. Como ele caracteriza os valores enquanto fruto de um processo da própria vida, o valorar, eles não teriam um caráter absoluto, inquestionável e eterno. Ao contrário, como são criações (humanas), eles podem e devem ser, em algum momento, destruídos. Apesar de o próprio valorar não poder ser destruído, pois este é um processo contínuo que está por detrás de toda vida, os valores têm um prazo de validade ou legitimidade e, na medida em que percebemos que eles perdem sua importância para a vida que os cria, é necessário que novos valores sejam criados. Contudo, a transvaloração não é o mero processo de criação e destruição de novos valores, mas a percepção de que também devem mudar as bases a partir das quais os valores são criados. Com efeito, Nietzsche identifica traços enfraquecedores na metafísica (representada por Platão e sua postulação de dois mundos) e na religião (com o cristianismo corrompendo os ensinamentos de Cristo e também postulando outro mundo), e, com isso, afirma que estas bases devem ser destruídas para que, a partir daí, novos valores sejam criados. A transvaloração, portanto, é um movimento de destruição e criação das próprias bases a partir das quais surgiram os valores

19 Cf. HEIDEGGER, 2003, p.489.

e não apenas uma substituição dos velhos valores por novos fundamentados na mesma base metafísica e religiosa²⁰.

É interessante também delimitarmos a partir de que momento dentro da sua própria filosofia Nietzsche parece se deter mais ao tema do valor, a saber, no período tardio de seu pensamento. Embora pareça comum classificar a obra nietzschiana em três períodos distintos²¹, esta classificação não é consensual entre os comentadores: alguns tentam abordar a filosofia nietzschiana de um modo mais unitário por considerar a periodização das obras um apelo a noções biográficas, por exemplo²². Contudo, talvez a filosofia de Nietzsche possa ser dividida em períodos com base na elaboração de temas fundamentais, como são o caso do pensamento do eterno retorno, da vontade de poder e da transvaloração de todos os valores. Estes temas são característicos do Nietzsche do *Zarathustra* e não estavam ainda presentes no pensamento do Nietzsche de o *Nascimento da Tragédia*. A questão é: se de fato é possível uma periodização de sua filosofia, mesmo que apenas em caráter didático²³, é pertinente usar dela para delimitar a partir de que momento ele passa a pensar o valor de maneira significativa. E, se utilizarmos a elaboração de temas como critério de periodização, veremos que o que marca o período tardio do pensamento nietzschiano são o eterno retorno, a morte de Deus e a vontade de poder.

Ao abrirmos *A Gaia Ciência*, encontraremos nela os primeiros esboços de tais temas, mesmo que este texto seja considerado do chamado segundo período, salvo o quinto livro escrito posteriormente. A morte de Deus aparece como anúncio de um homem louco em 125 e o eterno retorno é formulado como hipótese no aforismo 341, além disso, a vontade de poder aparece em 349 como o verdadeiro instinto fundamental da vida para o crescimento e expansão.

O terceiro período da filosofia nietzschiana nos parece ser o mais pertinente porque é nele que o valor surge com mais peso e compromisso filosófico. Em *Além do Bem e do Mal* e na *Genealogia da Moral*, por exemplo, Nietzsche diz que o problema mais fundamental da filosofia é o do *valor dos valores*. E tal problema pode ser elaborado da seguinte forma: para que e porque temos ou criamos valores? O que nos leva a querer valores? Além disso, ele afirma que, antes de se perguntar pela origem da vontade de conhecer a verdade, há que se perguntar pelo *valor* dessa vontade²⁴, isto é, qual a importância de querer conhecer sempre a verdade?

20 Sobre a relação entre transvaloração, valoração e genealogia cf. MARTON, S. Nietzsche: Da Genealogia à Transvaloração dos valores. *Aufklärung*, v.7, ed. esp. 2020.

21 Ver por exemplo Löwith, 1997, p.21-24.

22 Ver por exemplo Fink, E. *Nietzsche's Philosophy*, 2003.

23 Rabelo é um exemplo de comentador que não aprova completamente uma periodização da filosofia nietzschiana por ver continuidades ao longo de toda a obra (como a arte como problema filosófico por exemplo), mas a reconhece como um bom instrumento didático em termos de explicação e compreensão.

24 Cf. NIETZSCHE BM I §1 e2 e V §186.

N' *A Gaia Ciência* umas das passagens mais importantes sobre o valor é o §301, é nele que parece surgir pela primeira vez na obra nietzschiana a hipótese do valor como uma criação. Ele a apresenta a partir de uma distinção entre dois tipos de homens: os superiores ou “pensantes que sentem” ou “contemplativos” e os inferiores ou “homens de ação”. A criação do valor é uma atividade característica do homem de tipo superior. E na medida em que ele cria os valores que conferem a devida importância ao mundo, são eles os responsáveis pela criação do próprio mundo que diz respeito aos homens: as avaliações, cores, pesos, perspectivas, degraus, afirmações e negações. Assim, tudo o que não parece existir na própria natureza, mas é imprescindível para a vida do homem, é uma criação do homem contemplativo.

O que quer que tenha valor no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor – foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos nós esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para o ser humano*, fomos nós que o criamos²⁵.

O que é digno de nota neste trecho é a ênfase que Nietzsche dá para o valor como resultado da criação. E a criação se caracteriza como uma atividade específica do homem²⁶. Ou seja, existem valores apenas na medida em que o homem os cria, e o próprio mundo tem significado para o homem apenas na medida em que estes valores são criados. O mundo que diz respeito ao homem, aquele que tem interesse para ele, é uma criação daqueles que contemplam a natureza e criam a partir dela um mundo onde o homem pode viver. E uma vez que tudo o que diz respeito ao homem no mundo, tal como o valor, é uma criação do próprio homem, então, a natureza é nela mesma isenta de valor²⁷: ela não tem um valor intrínseco e independente do homem que a valoriza. É o homem que lhe dá um valor na medida em que estabelece algum tipo de relação com ela sentindo-a e pensando-a.

Em *Assim Falou Zaratustra*, livro que vem logo depois de *A Gaia Ciência*, Nietzsche também trata da criação de valores. No discurso *De mil e um fitos* deste livro, Nietzsche diz o que são os valores e porque o homem os dá ao mundo. Notemos, portanto, que o valor aparece sempre como algo criado pelo homem.

Valores às coisas conferiu o homem, primeiro, para conservar-se – criou, primeiro, o sentido das coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama “homem”, isto é: aquele que avalia.

25 NIETZSCHE GCIV §301, p.181.

26 Cf. DIAS, 2009, p.4; BURNHAM, 2015, p.82-84.

27 Sobre a natureza e o próprio mundo serem isentos de valores, há também o §109, onde Nietzsche afirma que o mundo não é tocado por nenhum de nossos juízos estéticos e morais, ele mesmo, o mundo, é apenas *caos*.

Avaliar é criar: escutai-o, ó criadores! O próprio avaliar constitui o grande valor e a preciosidade das coisas avaliadas. Somente há valor graças à avaliação: e, sem a avaliação, seria vazia a noz da existência. Escutai-o ó criadores.

Mudança dos valores – é mudança dos criadores. Sempre destrói, aquele que deverá ser um criador.²⁸

Arrisco aqui dizer que este é o trecho sobre o valor mais importante da obra, pois é nele que o valor aparece como propriedade da definição de “homem”. Na segunda e terceira linhas ele diz: “Por isso ele se chama ‘homem’, isto é: aquele que avalia”. Cumpre notar que aqui Nietzsche está justificando o fato de o homem ser homem ou ser designado com a palavra “homem” com o fato de ele criar e dar valores ao mundo. E o valor é citado não só como uma criação humana, que define o próprio homem, mas como uma criação que dá um *sentido* às coisas; elas só têm sentido devido à avaliação e a própria existência tem um sentido em virtude da avaliação que é feita pelo homem.

Ora, se voltarmos à *Gaia Ciência*, veremos que nela Nietzsche diz que o mundo não é tocado por nenhum dos nossos juízos de valor, ele não é belo, nem perfeito, nem nobre, nem sábio e não procura imitar o homem²⁹. Diante dessa aparente ineficácia do valor para o mundo, fica a pergunta: Qual o propósito, então, de dar um valor às coisas do mundo se ele não é afetado por esses juízos de valor? Porque se dar ao trabalho de conferir algo ao mundo a que ele não corresponde?

Talvez a necessidade de haver valor não seja exigida pelo mundo ou pelas coisas, mas é por nós mesmos. Desse modo, as coisas podem não se afetar por nossos valores, mas o fato de precisarmos emití-los indica que eles são necessários a nós e que nós somos afetados por eles; talvez até vejamos o mundo diferentemente na medida em que os emitimos. Além disso, o valor é o que dá sentido à existência; “sentido” enquanto “direção” ou “norte” para toda atividade e comportamento humano. Ao estabelecer um valor, o homem estabelece também uma direção, um meio para realizá-lo. Por exemplo, ao dizermos que uma ação é boa ou ruim, isto é, ao darmos um valor a ela, passamos a agir e a refletir sobre esta ação valorada a partir do valor dado, é disso que trata a ética. Ao passo que ao valorarmos algo como belo, seja um objeto da natureza ou algo criado pelo próprio homem, passaremos a ter uma atitude estética, que parte do valor belo/feio dado a algo. Ao dizer que algo é belo, por mais que ele mesmo não seja, passamos a agir de modo a preservá-lo ou engrandecê-lo em função do valor que demos.

Nesse sentido, o valor serve como orientação e guia para a relação humana com as coisas do mundo. Ele não é útil ou necessário ao mundo, mas é ao homem

28 NIETZSCHE ZA I De mil e um fitos, p.75.

29 Cf. NIETZSCHE GC III § 109.

que o cria, porque faz com que ele veja ou perceba o mundo de modo diferente e aja de maneira diferente a partir desse valor. O caráter ético ou estético do valor, nesse sentido, seria algo posterior ou consequente de sua própria necessidade, o que o caracteriza mesmo é o fato de ele guiar uma relação significativa que o homem estabelece com o mundo.

Ortega y Gasset também enfatiza a função do valor como algo necessário para o homem em razão de sua própria natureza. Segundo ele, não nos contentamos em apenas perceber, analisar, organizar e explicar as coisas do mundo segundo o que elas são, pois nós também as estimamos, isto é, dizemos se tal coisa é boa ou ruim, justa ou injusta, bela ou feia³⁰. E essa necessidade de valorar as coisas do mundo descreve nossa própria natureza como valorativa, como já apontava Nietzsche, e descreve também o mundo, que é dividido em mundo do ser, ordenado pelos objetos conforme eles são, e mundo do valer, constituído pela relação que o homem estabelece com esses objetos a partir de seus valores. Divisão esta que foi notada e clarificada pela axiologia.

Além de ser uma atividade que define o homem e que é feita para dar sentido, mais uma característica do valor que aparece no discurso *De mil e um fitos de Assim Falou Zaratustra* é que ele é condição de *conservação*: “valores às coisas conferiu o homem, primeiro, para conservar-se”³¹. Essa mesma caracterização do valor como algo necessário à conservação aparece também em um fragmento póstumo de 1887/1888: “O ponto de vista do ‘valor’ é o ponto de vista das *condições de conservação e incremento* com referência à complexa configuração da relativa duração da vida no interior do devir”³². Este fragmento, tal como o discurso supracitado de *Zaratustra*, indica que o valor está intimamente relacionado à noção de “vida”, pois ele se caracteriza como um ponto de vista que serve para a conservação e a elevação do organismo que cria este valor. E “conservação” e “elevação” são traços fundamentais que caracterizam a vida em sentido nietzschiano, sobretudo o aspecto da elevação, uma vez que uma vida que se conserva, mas não supera a si mesma, é um tipo decadente de vida.

Com efeito, o valor é criado por um organismo vivo por causa da sua própria condição de estar vivo e em função de não somente manter-se vivo, mas também elevar-se, isto é, ser mais do que ele é. Além disso, o valor é caracterizado como um ponto de vista porque ele depende do olhar ou perspectiva do organismo vivo que o cria. Nesse sentido, ele é relativo às condições em virtude das quais o organismo vive.

30 Cf. ORTEGA Y GASSET, 1964, p.318.

31 NIETZSCHE ZA I De mil e um fitos, p. 75.

32 NIETZSCHE Nachlass/FP vol. IV novembro de 1887-março de 1888 11[73].

CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO NIETZSCHIANO PARA O TEMA DO VALOR: À GUIA DE CONCLUSÃO

Mesmo que não tenha se dedicado exclusivamente ao tema do valor, tentando defini-lo ou propondo uma teoria a seu respeito, Nietzsche deixou algumas contribuições para o que mais tarde surgiria como Axiologia. Uma delas, por exemplo, é trazer à tona uma dimensão existencial do valor, uma vez que ele insiste em aliar valor à vida, não apenas dizendo que a própria vida cria valores através do homem, mas afirmando que o que dá sentido à existência são os valores criados. Outro elemento presente, que aliás é muito enfatizado por estudiosos da axiologia, é que Nietzsche propôs uma transvaloração dos valores. Para Hessen, se por um lado Lotze trouxe à tona o conceito de “valor” instituindo assim uma nova disciplina filosófica, por outro Nietzsche foi o responsável por popularizar a palavra “valor”.

O termo era mais comumente aplicado na economia política como em “valor de troca”, “valor de uso”, “mais-valia”³³. E Nietzsche levou o “valor” a outras dimensões como, por exemplo, a existencial, quando ele alia valor e vida, e a crítica, quando ele pensa a transvaloração. Sua proposta de criticar os valores tradicionais a ponto de derrubá-los completamente e criar novos valores a partir de um novo critério talvez seja a maior contribuição que Nietzsche deu à esfera axiológica³⁴. Mesmo que em seus textos publicados a transvaloração apareça apenas como proposta e não tenha sido concluída, já que ele deixou a tarefa de determinar o problema dos valores para os filósofos do futuro³⁵.

33 Ortega y Gasset também chama a atenção para o fato de que os estudos sobre o valor eram restritos ao valor econômico antes de a axiologia emergir no século XX. Cf. ORTEGA Y GASSET, 1964, p.315.

34 Tanto literaturas a respeito do valor quanto literaturas gerais da filosofia enfatizam este ponto, ver nesse sentido HESSEN, 1980, p.28; PINEDA, 1949, p.560; ABBAGNANO, 2007, p.989-993. Pineda não só menciona a importância da transvaloração dos valores, como também afirma que ela foi fundamental para o surgimento da axiologia como disciplina que estuda o valor.

35 Em nota ao final da primeira dissertação de *Genealogia da Moral*, Nietzsche escreve que tinha o desejo de que alguma faculdade de filosofia se propusesse a estudar a história da evolução dos conceitos morais em conjunto com filólogos e historiadores, além de médicos, uma vez que todo valor tem por trás de si uma interpretação fisiológica e psicológica. Além disso, ele escreve sobre a preparação da tarefa do filósofo do futuro pelas ciências: “Todas as ciências devem doravante preparar o caminho para a tarefa futura do filósofo, sendo esta tarefa assim compreendida: o filósofo deve resolver o problema do valor, deve determinar a hierarquia dos valores” (NIETZSCHE GM I, p.42). Com base nisso é de se entender que, embora tenha identificado a emergência do problema dos valores, sua importância para a vida, parece tê-lo deixado para futuros pensadores, de modo tal que nesta nota ele indica certas condições de como abordar este problema: em conjunto com outros campos do conhecimento, como são o caso da história, uma vez que os valores têm um início e uma trajetória que justifica sua validade, e da medicina, visto que os valores têm relação com a condição de vida do homem que os cria e surgem a partir das bases psicológicas e fisiológicas desse homem.

Além disso, outra herança deixada à posteridade é a proposta nietzschiana de pensar o valor dos próprios valores, ou seja, perguntar-se pela importância do próprio objeto que se põe em questão e, com isso, estabelecer uma dimensão meta-filosófica do valor. E ele notou a urgência de se perguntar pelo valor dos valores enquanto elaborava sua crítica aos valores tradicionais. Ao olhar para a moral, a metafísica e a religião, ele percebeu a necessidade de questionar as próprias bases que fundamentam as crenças dessas esferas e a importância ou função que estes valores estavam desempenhando na própria vida. Ademais, na medida em que ele afirma ser o valor uma criação condicionada ao modo de vida do homem, ele parece estar defendendo uma abordagem sobre o estatuto do valor, pensando-o como relativo, uma vez que a existência ou realização do valor é estritamente dependente da esfera humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- AUDI, R (General Editor). *The Cambridge Dictionary of Philosophy*. Cambridge University Press, second edition, 1999.
- BLACKBURN, S. *The Oxford Dictionary of Philosophy*. Oxford University Press, 1996.
- BURNHAM, D. *The Nietzsche Dictionary*. Bloomsbury Philosophy Dictionaries, 2015.
- DIAS, R. A questão da criação para Nietzsche. *Viso: Cadernos de Estética aplicada*, v. III, n.7, 2009, p.1-12.
- FINK, E. *Nietzsche's philosophy*. Translated by Goetz Richter. Continuum: London, 2003.
- FRONDIZI, R. *Qué son los valores? Introducción a la axiología*. Fondo de Cultura económica. México, 1958.
- GABRIEL, G. Truth, Value and Truth Value. Frege's Theory of Judgment and his Historical Background. *Judgment and Truth in Early Analytic Philosophy and Phenomenology*. England, 2013, p. 36-51.
- HEIDEGGER, M. *A sentença nietzscheana "Deus está morto"*. Tradução de Antonio Casanova. In: *Natureza Humana*, 5(2), 2003, p.471-526.
- HESSEN, J. *Filosofia dos Valores*. Tradução e prefácio do prof. L. Cabral de Moncada – 5. Edição. Coimbra: 1980 (coleção Stvdivm)

HOBBS, T. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção Os Pensadores)

LÖWITZ, K. *Nietzsche's philosophy of the eternal recurrence of the same*. Translate by J. Harvey Lomax. Foreward by Bernd Magnus. California: University of California Press, 1997.

MARTON, S. Nietzsche: da genealogia à transvaloração dos valores. *Aufklärung*, João Pessoa, v.7, n. esp., nov./2020, p.97-108.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Volume I, tomo I (Prefácios e capítulos I a XII). São Paulo: Editora Nova Cultural: 1996.

NIETZSCHE, F.W. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F.W. *Assim Falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva, 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, F.W. *Além do Bem e do Mal*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F.W. *Fragments Postumos (1885-1889) Volumen IV*. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Técnos, 2008.

NOGUEIRA, V, F, P. Axiologia: apontamentos sobre o valor. Anuário da produção acadêmica docente, v.1, n. 1, 2007, p.75-80. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/507>, acessado em 25/01/2021.

ORTEGA Y GASSET, J. Introducción a una estimativa. *Obras completas*, tomo VI (1941-1946), sexta edición, Revista de Occidente, Madrid, 1964, p.315-335.

PEDRO, A, P. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. *Kriterion*, Belo Horizonte, n.130, dez./2014, p.483-498.

PINEDA, M. Concepción biológico-historicista de los valores. *Philosophy and Phenomenological research*, vol. 9, n. 3, mar. 1949, p.558-567.

RABELO. R. *A arte na filosofia madura de Nietzsche*. 2. Edição. Londrina: Eduel, 2017.

WU, R. Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. *Revista Estudos Filosóficos*, n. 5/2010, p.174-186. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art13-rev5.pdf> acessado em: 13/04/2021.